

QUAL FOI O PRIMEIRO PERSONAGEM LGBTI+ QUE VOCÊ ASSISTIU NO CINEMA BRASILEIRO?¹

Cristiano de Oliveira Sousa²
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: Neste resumo, discutimos a questão a falta de representação e a marginalização histórica da comunidade LGBTI+ nas produções cinematográficas brasileiras dificultam lembrar do primeiro personagem LGBTI+ visto no cinema. Personagens desse grupo costumavam ser retratados de forma estereotipada, transfake, marginalizada ou invisível, perpetuando preconceitos e construindo comportamentos discriminatórios na sociedade. É fundamental ressignificar essas narrativas, promovendo uma representação inclusiva e positiva, para criar consciência sobre a diversidade e promover a igualdade.

Palavras-chave: Audiovisual e diversidade. Estereotipo. Conservadorismo. Violência.

Resumo expandido: Este resumo expandido acadêmico busca explorar a questão do primeiro personagem LGBTI+ que o leitor ou a leitura assistiu no cinema e por que pode ser difícil lembrar dessa experiência específica? Você é capaz de dizer sem pesquisar qual foi esse primeiro personagem e como ele foi representando?

Como ativista, diretor de um festival de cinema LGBTI+ e mestrando em Arte e Cultura Visual na Universidade Federal de Goiás na linha B: Poéticas Artísticas e Processos de Criação pesquiso de forma prática, captando entrevistas com pessoas transgênero para um documentário sobre as “Impressões de personagens transgêneros no cinema brasileiro”. Identifiquei nessa pesquisa, que toda a questão da diversidade no cinema brasileiro é problemática. Não me recordo e a também a maioria dos meus entrevistados e entrevistadas, não se lembraram de qual seria o primeiro personagem LGBTI+ brasileiro visto no cinema.

A história do cinema nacional sempre representou em diversos momentos a afirmação aos padrões forçados de hegemonia dos discursos heteronormativos. Silva (2018), analisando as últimas décadas do cinema brasileiro, discute e denuncia a forma que personagens LGBTI+ são retratados na história. Para o autor, os “queers cinematográficos”, durante muito tempo, foram empurrados para o underground, relegados a existir apenas no subtexto do errado, como relata no livro História & Teoria Queer “[...] são produções culturais e históricas de constructos tidos, por esse espectro normativo, como abjetos, incômodos e perturbadores.” (SILVA, 2018, p.320).

No passado, personagens LGBTI+ frequentemente eram retratados de forma estereotipada, marginalizados ou até mesmo invisíveis nas produções cinematográficas. Dentro

¹ Trabalho apresentado na 12ª Semana de cinema e audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (SAU UEG) e 2º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central (EECABC), que ocorreu na cidade de Goiás (GO) de 14 a 16 de junho de 2023.

² Produtor audiovisual, diretor do @digofestival @gofilmfestival e @morcegovermelhofest, mestrando no Programa de Pós-Graduação de Arte e cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. E-mail: cristianosousa@discente.ufg.br

desse contexto, o retrato marginalizado e pejorativo que foi imposto a toda uma geração é o que se pretende entender e identificar junto a comunidade e sua primeira memória sobre a personificação da personagem LGBTI+ no cinema. Qual foi o contexto dessa primeira experiência? Como é visto hoje a abordagem da diversidade no cinema? Ainda é preciso articular as experimentações sobre a evolução destas personagens no âmbito do cinema nacional.

Memória

Ao explorar a memória do primeiro personagem LGBTI+ que o leitor assistiu no cinema, é necessário reconhecer que é preciso colocar em discussão essas impressões e narrativas e assim se permitirá um registro de reflexões do passado, presente e futuro, composto de emoções e memórias afetivas, colocando o assunto “na mesa”, como propõe (STEFFEN, 2016) no livro *Cinema que Ousa Dizer seu Nome*. O autor reflete sobre a importância de novos olhares nos registros cinematográficos

[...] para que as diversas expressões das sexualidades possam ser refletidas nas telas, sem amarras, sem repressões, sem vergonha de dizer seu nome, de expor seus corpos, de manifestar seus desejos, de celebrar o prazer de afirmar. Com a liberdade que merecem, enfim. O cinema tem papel fundamental nessa batalha” (STEFFEN, 2016, p.13).

O que a sociedade aprendeu no contexto da representação cinematográfica, sem considerar as diferentes narrativas, e como o imaginário popular e o senso comum perpetuou a marginalização desses corpos? Essas produções contribuíram para construção de comportamentos preconceituosos da sociedade? Qual a importância de ressignificar essas narrativas? Podemos pensar em uma reparação histórica através do audiovisual a essas pessoas?

A partir desses questionamentos, pretende-se buscar parâmetros importantes para que seja possível identificar como a evolução dessas discussões podem mudar a perspectiva do audiovisual atualmente. Filmes nacionais como, *A Rainha Diaba* (Antônio Carlos Fontoura, 1974), faz aparecer personagens disformes, a margem da sociedade, base do estereótipo extremamente negativo com olhar único e exclusivo da marginalidade do cidadão ou cidadã de segunda classe. *Carandiru* (Hector Babenco, 2003) a personagem Lady Di, é interpretada por um ator cis gênero Rodrigo Santoro, ilustrando a questão problemática da falta de atenção da necessidade de atores ou atrizes transgênero interpretando personagens transgêneros, e assim promover mais humanidade ao contexto.

É importante considerar a invisibilidade histórica imposta a personagens LGBTI+ nas produções cinematográficas no Brasil. A marginalização e estigmatização da comunidade LGBTI+ afetaram a quantidade e a qualidade das representações na mídia, tornando-as menos memoráveis para o público em geral. Por isso se torna doloroso e necessariamente esquecível como caminho de proteção de saúde mental para quem é LGBTI+ e desinteressante para quem

não possui essa condição e que já a considera marginal pelas imposições culturais que recebe em forma de pedagogia cultura desde a infância (o que inclui o audiovisual).

No entanto, é preciso destacar que, nas últimas décadas, ocorreram mudanças significativas na indústria cinematográfica, com um aumento progressivo da representação LGBTI+. Filmes mais recentes têm apresentado personagens LGBTI+ complexos, autênticos e multifacetados, cujas histórias têm o potencial de impactar profundamente o público e deixar uma memória duradoura. Porém, qual é o diretor ou diretora transgênero que já produziu um longa-metragem no Brasil? Quais são os atores e atrizes LGBTI+ protagonistas de um grande filme comercial?

Nesse sentido, é necessário que nós, como indústria cinematográfica, mesmo em Goiás, que é uma região muito conservadora, continuemos avançando na representação inclusiva e autêntica de personagens LGBTI+, a fim de criar uma maior consciência de todos sobre a diversidade e promover a aceitação e a igualdade. É necessário produzir novas obras que representem o personagem ou a personagem LGBTI+ de forma positiva, com protagonismo para que o mesmo ou a mesma seja lembrada.

Conclusões

Há sim, uma dificuldade em lembrar do primeiro personagem LGBTI+ no cinema brasileiro para a maioria dos leitores ou leitoras. O motivo é que assistimos no cinema reflete a histórica falta de representação e a marginalização dessa comunidade nas produções cinematográficas. No entanto, com o aumento gradual da representação LGBTI+ na mídia atual, principalmente em festivais de cinema de gênero, e mostras especiais, espera-se que as memórias relacionadas a esses personagens se tornem mais presentes e significativas, impulsionando um futuro mais inclusivo e diversificado na indústria do cinema e também no imaginário emocional da sociedade.

Que tal quebrar as barreiras e produzir e inserir personagens e equipes diversas nas produções audiovisuais sem medo de estigmatização e com coragem suficiente para mudar nossa história?

Referências Bibliográficas

LUFE, Steffen. **O Cinema que Ousa Dizer seu Nome**. São Paulo, Giostri Editora Ltda, 2016.

ROBSON, P. da Silva. **Vai Malandra...** seu corpo é instrumento (contra) violento Figurações da marginalidade no filme “A Rainha Diaba” (1973)

ETO, Miguel Rodrigues de Sousa; GOMES, Aguinaldo (Org.). **História & Teoria Queer**. Salvador, BA Editora Devires, 2018.